

# **SABERES OCULTOS NO BRASIL IMPÉRIO: A ARTE DA CURA PELO MAGNETISMO ANIMAL E A BUSCA PELA LEGITIMIDADE.**

## **HIDDEN KNOWLEDGE IN BRAZIL EMPIRE: THE ART OF CURE FOR ANIMAL MAGNETISM AND THE SEARCH FOR LEGITIMACY.**

Danielle Christine Othon LACERDA\*

### **Resumo**

Os princípios e a prática do magnetismo animal consolidaram-se na França poucos anos antes da Revolução Francesa acontecer. Em meio a polêmicas e um crescente número de adeptos, o magnetismo animal ultrapassa as barreiras do tempo e as fronteiras espaciais, chegando ao Brasil nas primeiras décadas do século XIX por meio do imigrante francês Leopold Gamard. O objetivo deste trabalho foi compreender as tentativas de Gamard de legitimar o magnetismo animal como prática curativa, perante as instituições científicas médicas e a opinião pública na Corte imperial. Para tanto, examinamos periódicos científicos e jornais populares na tentativa de juntar fragmentos para recompor a intrigante trajetória de Leopold Gamard e que ajudaram a tecer a trama das relações sociais na construção de representações e apropriações da prática do magnetismo animal, como uma alternativa para cura de moléstias.

**Palavras-chave:** Magnetismo Animal, Leopold Gamard, História da Medicina, História Cultural

### **Abstract**

The principles and practice of animal magnetism were consolidated in France a few years before the French Revolution took place. Amid controversy and a growing number of adepts, animal magnetism surpasses the barriers of time and space frontiers, arriving in Brazil in the first decades of the nineteenth century through the French immigrant Leopold Gamard. The purpose of this work was to understand Gamard's attempts to legitimize animal magnetism as a curative practice before medical scientific institutions and public opinion in the imperial court. In order to do so, we examined popular scientific journals and newspapers in an attempt to combine fragments to reconstruct Leopold Gamard's intriguing trajectory and helped to weave the fabric of social relations in the construction of representations and appropriations of the practice of animal magnetism as an alternative for healing diseases

**Keywords:** Animal magnetism, Leopold Gamard, History of Medicine, Cultural History

### *Introdução*

O objetivo deste artigo foi compreender as tentativas de legitimação do magnetismo animal como uma prática curativa de todo o tipo de moléstias, diante das instituições científicas da medicina e da opinião pública nas primeiras décadas do século XIX, no Rio de

---

\* Doutoranda em História Comparada – Programa de Pós-graduação em História Comparada – UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Bolsista Capes. E-mail: danielledacerda@yahoo.com.br

Janeiro, empreendidas pelo francês Leopold Gamard. Índícios apontam para Gamard como o introdutor, no Brasil, do magnetismo animal nas terapias de cura de moléstias, como método complementar à medicina tradicional, assim como é considerado como o principal propagador dos benefícios do magnetismo no tratamento de doenças crônicas.

O magnetismo animal, também conhecido como “mesmerismo”, foi uma teoria desenvolvida pelo médico austríaco Franz Astor Mesmer (1734-1815) que afirmava ter descoberto a existência de um fluido universal presente em cada ser vivo. Entretanto, este fluido não se mantinha constante ao longo da vida, alterando-se conforme as circunstâncias. Para Mesmer, as doenças tinham como origem a diminuição deste fluido universal e para restaurar a saúde do organismo era preciso recompor a quantidade de fluido no corpo do indivíduo doente (CUISSART, 1832, p. 443). A teoria de Mesmer tinha como base os fenômenos físicos do magnetismo, relacionados à atração e à repulsa de objetos minerais, como os ímãs e a existência de um fluido inerente ao ser humano mencionado por alquímicos, físicos e filósofos do século XVII. Para estes pensadores, o estado físico do indivíduo dependia da harmonia entre o próprio fluido com o cosmo celestial e as doenças seriam o resultado de um desequilíbrio nesta ligação (DARNTON, 1988, p. 13-14).

As tentativas frustradas de Mesmer e seus adeptos de legitimarem o magnetismo animal como uma terapia curativa, diante de instituições científicas da medicina dominantes europeia, não impediram que o magnetismo se expandisse e encontrasse simpatizantes sem distinção de classes sociais. Diante da aceitação de uma parte da opinião pública, os participantes do espaço simbólico como cientistas, médicos, físicos e todos aqueles críticos ao magnetismo animal disputavam o espaço pela autoridade, legitimidade e autenticidade de suas posições na tentativa de ampliar, consolidar e estabelecer o domínio nas relações sociais (BOURDIEU, 1992).

Contudo, o magnetismo animal nunca passou de um saber com pretensão de ser ciência. E embora tenha tido a adesão de médicos que acreditavam em seus benefícios terapêuticos para a saúde dos enfermos, não foi suficiente para evitar a sua condenação por charlatanismo.

Por outro lado, algumas pesquisas recentes têm reavaliado o grau de importância do magnetismo animal para o campo científico. Para alguns destes pesquisadores, o magnetismo animal possibilitou uma nova compreensão acerca da mente e dos fenômenos psíquicos (PIMENTEL; ALBERTO; MOREIRA-ALMEIDA, 2016). Já Câmara (2013), entende que a psicoterapia teria suas origens marcadas pelo magnetismo animal e pela terapia sugestiva, assim como Neubern (2018, p. 348) entende que a condenação do magnetismo animal

resultou em um marco histórico para a ciência, dando origem aos diversos estudos sobre a aplicação do placebo, assim como motivou as estratégias para desqualificar a Psicologia e a Psicoterapia, e portanto, o magnetismo animal, deveria se manter distante de qualquer relação histórica para não prejudicar o projeto de ciência da Psicologia. Embora os recentes estudos tenham tentado trazer à tona as ligações históricas das ciências comportamentais com o magnetismo animal, ainda há uma certa distância do campo científico, ligando-se muito mais ao misticismo, ao espiritualismo e à memória de uma exótica pseudociência do passado.

Diante disto, o magnetismo animal no Brasil será abordado neste artigo como uma prática cultural que emergiu diante das insuficiências da medicina nas agitadas primeiras décadas de uma nação recém-independente para responder aos anseios de uma população em crescimento, que convivia com uma série de problemas de saúde pública, ambiente propício para proliferação de doenças e dificuldades de tratamento (MATTOS, 2004, p.88).

No início do século XIX, as fronteiras entre o saber médico e a arte da cura começavam a delinear um contorno mais visível. A chegada da família real e a instalação de sua corte no Rio de Janeiro fomentaram uma série de mudanças com o intuito de estabelecer a ordem e oferecer o suporte necessário a uma sociedade europeia transplantada de seu ambiente natural.

Dentre as inúmeras transformações de caráter político-administrativas, cultural e instrutivas por quais o Rio de Janeiro presenciou, têm-se a criação da Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, em 1808, tal como na província da Bahia, com a Escola de Cirurgia da Bahia. Em 1813, a Escola do Rio de Janeiro mudaria o nome para Academia Médico-Cirúrgica e habilitavam cirurgiões e médicos, então conhecidos como físicos. E em 1832, foram fundadas as faculdades de medicina no Rio de Janeiro e na Bahia, responsáveis pela concessão do título de “doutor em medicina” (JACÓ-VILELA *et al*, 2004, p.140-141).

No entanto, ao mesmo tempo que a medicina se estabelecia como a referência acadêmica, formal e detentora da autoridade científica do saber médico, ainda eram exercidas a arte da cura, o saber popular sem nenhum respaldo científico, praticada por curandeiros, sangradores, parteiras e barbeiros. A medicina popular, as terapias populares, tinham o aval da Fisicatura-Mor, instituição criada em 1808, responsável pelo ordenamento das práticas curativas com a emissão das licenças tanto para prática da medicina tradicional e como a popular (PIMENTA, 1998).

Para Pimenta (1998), havia uma hierarquia nos ofícios licenciados, cabendo ao médico o topo da pirâmide na escala social, enquanto as práticas curativas populares eram desvalorizadas pela própria Fisicatura-Mor, tendo em vista que uma parte dos terapeutas

populares se distribuía entre homens livres, escravos, forros e mulheres. E que o licenciamento destes terapeutas populares pela Fisicatura-Mor devia-se mais ao problema da falta de pessoas qualificadas para atender a população urbana em expansão.

Com o fim da Fisicatura-Mor em 1828, os médicos formados na academia e organizados em instituições como a Faculdade de Medicina e a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, fundada em 1829<sup>1</sup>, ganhavam e dominavam o espaço compartilhado com os terapeutas populares. Com o fortalecimento dos médicos acadêmicos, as práticas de cura, sem respaldo científico, foram cada vez mais questionadas pelos médicos, como um meio de deslegitimar tais práticas perante a sociedade da Corte (COUTO, 2016).

Este é o cenário com o qual Leopold Gamard vai confrontar ao se estabelecer no Rio de Janeiro como médico especialista em terapias curativas com o emprego de banhos e vapores de álcool e, posteriormente, com o magnetismo animal. E com o qual tentará legitimar a sua prática, encarando as instituições formais de medicina e a sociedade ao tornar público os resultados positivos de arte de curar com a publicidade dos benefícios e dos resultados positivos obtidos.

Para tentar entender esta complexa teia das relações sociais, a pesquisa teve por base uma das abordagens da micro-história. Partindo da biografia de um indivíduo, buscamos em suas singularidades aquilo que é possível revelar a teia de relações diante dos conflitos que fomentaram a construção de práticas culturais (LORIGA, 1998, p. 249).

O magnetismo animal, um saber construído diante das transformações sociais no sentido atribuído às práticas culturais, precisa ser compreendido em seu sentido diacrônico e sincrônico. Leopold Gamard é, portanto, o fio condutor desta investigação no “labirinto documental” de dados fragmentados. A pesquisa privilegiou periódicos científicos, jornais e relatórios que possibilitaram reconstituir esta “rede de relações” (GINZBURG, 1989), formadas em torno das tentativas de legitimação do magnetismo animal na primeira metade do século XIX no Rio de Janeiro.

### *A intrigante trajetória de Leopold Gamard*

A trajetória de vida de Leopold Gamard é um tanto intrigante. Não apenas pelo alvoroço causado durante a sua estadia no Rio de Janeiro com a introdução de recentes métodos curativos populares na Europa que atraía adeptos e opositores, que o acusavam de charlatanismo.

Todavia, a peculiaridade de seu percurso antes de aportar no Brasil ajudam a traçar um perfil que suscita mais incertezas do que confirmações. Não que isto seja um problema. As

várias camadas que os indivíduos apresentam, as incoerências, as atitudes incertas e, por vezes, nebulosas são exatamente os componentes que particularizam as experiências, tornando menos óbvia uma relação harmônica com o social, e traz à tona o “elemento de tensão” inerente à teia de relações de um sujeito (LORINGA, 1998, p. 249). E o personagem central do magnetismo animal no Brasil, não ficaria longe disso.

Joseph-Andrey Leopold Gamard foi um dos inúmeros franceses que imigraram para o Brasil nos primeiros anos do oitocentos. Como prática corrente na época a muitos estrangeiros, aporuguesou o seu nome, passando a se chamar José-André Leopoldo Gamard ou, simplesmente, Leopoldo Gamard.

Não é possível determinar com exatidão quando Leopold Gamard começou seus estudos e quando passou a exercer a medicina. A certeza que temos é que, em 1823, Gamard se apresentava como o 2º médico do Exército Pacificador da Bahia<sup>2</sup>, conforme um anúncio publicado no popular jornal *Diário do Rio de Janeiro* ao informar que estava de posse de uma carta a ser entregue ao Sr. Lassere (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1823, p. 3).

Entre fevereiro de 1822 e julho de 1823, a Bahia foi palco de um sangrento conflito que envolveu brasileiros, portugueses, escravos e estrangeiros. A guerra pela independência eclodiu em um momento de instabilidade política e militar na Bahia, que incluía a insatisfação dos baianos com a presença de portugueses no exército e os altos juros praticados pelos comerciantes portugueses. Tais circunstâncias levaram aos primeiros confrontos militares entre brasileiros e portugueses (TAVARES, p. 23-25).

D. Pedro I, recém proclamado imperador, apoiou o movimento baiano com o envio de um reforço bélico liderado pelo francês Pierre Labatut (1768-1849), experiente militar do exército napoleônico que ficou responsável pelo Exército Pacificador formado pelos brasileiros e engrossado com estrangeiros e escravos. A guerra na Bahia encerraria em julho de 1823 com a vitória dos brasileiros (MOURA, 2004, p. 66).

Há poucas informações sobre o tempo em que Leopold Gamard ficou na Bahia. Contudo, as referências que temos sobre a sua residência no Rio de Janeiro coincidem com o período posterior aos conflitos na Bahia. Por outro lado, ainda restam várias questões a serem respondidas sobre a chegada de Gamard ao Brasil. Quando teria chegado? Qual o porto de origem? Quais motivações de sua vinda ao Brasil? O que o levou a se alistar no exército na Bahia?

Gamard nasceu em em 1777, em Amiens, no norte da França. Sabemos que Gamard saiu da França e foi para Gand<sup>3</sup>, na Bélgica. Seu nome aparece no livro de registros da loja

maçônica, *La Felicité Bienfaisant* de Gand. Neste livro, Gamard consta como mestre maçom, vinculado ao ofício de negociante (TABLEAU, 1807, p. 8).

No Brasil, é conhecida a influência da maçonaria no processo de independência, tendo entre seus membros, José Bonifácio de Andrade e Silva, e em 1822, o próprio D. Pedro I. Como sugere Tavares (2005, 29), suspeitava-se que em Salvador houvesse várias lojas maçons antes de eclodir a guerra pela independência na Bahia. Embora não possamos confirmar, apenas conjecturar que Gamard tivesse alguma relação com membros destas lojas, considerando sua associação à loja maçônica belga.

Seguindo os rastros a partir de seu nome, encontramos um comunicado publicado no jornal belga, *Gazette Van Gend*, em março de 1823, que anunciava a nomeação de um notário de Amiens para representar “Joseph-Andreas Leopold Gamard”, pois se encontrava ausente de Gand (GAZETTE VAN GEND, 1823, p. 1171).

Segundo as informações divulgadas no *Jornal do Commercio*, em 1810, Gamard era diretor de uma fábrica de tecidos na Bélgica, quando em 1818, entrava nos Estados Unidos, ficando na Filadélfia até seguir para o Brasil, em 1823 (JORNAL DO COMMERCIO, 1845c, p. 2). Cruzando estas informações com as evidências da presença de Gamard no Rio de Janeiro, foi possível confirmar que, de fato, o negociante de Gande, Leopold Gamard era o mesmo sujeito que havia migrado para o Brasil, dizendo-se médico. Contudo, ainda persiste a dúvida quanto a sua formação em medicina, pois os registros indicam apenas a sua profissão como negociante. Até o momento, não foram encontrados indícios que pudessem confirmar a formação acadêmica em medicina na Europa, sendo este um dos principais aspectos que pesaram contra a sua idoneidade, tornando-se o motivo para graves acusações até a sua morte em 1846.

As primeiras pistas que indicam a prestação de serviços de saúde por Leopold Gamard após deixar o exército na Bahia levam a para uma casa de saúde estabelecida nos arredores do Rio de Janeiro, provavelmente, entre 1823 e 1824. Em um artigo de opinião publicado em outubro de 1824, pelo livreiro e editor francês Pierre Plancher, em seu jornal *O Spectador*, alertava o público e o Governo Imperial sobre a falta de banhos públicos no Brasil. Algo comum na Europa, seria uma medida preventiva para as doenças de pele originadas pelo clima “abrasador” da região. Considerando a utilidade em divulgar estabelecimentos de banhos públicos, Plancher informava que acabava de ser instalada uma casa de saúde pelo o médico, o “Doutor Gamard, membro de muitas Sociedades Scientificas, e segundo Médico do Exercito Imperial da Provincia da Bahia”. Os elogios seguiam pela descrição do ambiente, bem situado, com uma paisagem agradável, ar puro e água boa para o estabelecimento de

banhos de mar, água doce e minerais”. Plancher finalizava o texto desejando prosperidade ao “bello estabelecimento” (O SPECTADOR, 1824a, p. 3).

Segundo Morel (2016, p.62), os clientes de Plancher eram “formadores de opinião em potencial”, participantes das elites culturais e políticas. Defensor do liberalismo constitucional, dos ideais iluministas e da autoridade ao estilo Napoleão, logo caiu nas graças da elite ilustrada e da proteção do próprio D. Pedro I. De sua tipografia, fundou o *Jornal do Commercio*, que se tomaria o principal jornal da cidade sede da Corte imperial.

Tal reconhecimento motivou Gamard a escrever em atenção à Plancher para agradecer à “honrosa menção” ao seu estabelecimento e se propunha a “conservar a boa opinião”. A oportunidade ensejada pela publicação da correspondência no jornal abriu espaço para Gamard fazer o que talvez seja a sua primeira publicidade da sua casa de saúde. A longa correspondência esclarecia ainda a proposta do estabelecimento, qual o público se destinava e quais tratamentos de saúde aplicados. O lugar intitulado “Casa de Saude do morro do Cavallão em S. João d’Icarahy propunha-se a oferecer um ambiente em que as pessoas pudessem conviver como se estivessem em um ambiente familiar. O local era destinado a todas as pessoas atacadas por doenças crônicas ou mesmo, àquelas pessoas que apenas precisavam de uma dieta para se restabelecerem ou para os estrangeiros cansados de longas viagens. O tratamento envolvia banhos em água salgada e doce, banhos de vapor de álcool, banho com águas minerais artificiais, quente ou fria, uma prática recente, empregada na Europa, que serviam para todos os tipos de moléstias, inclusive as doenças venéreas, reumatismos e cicatrização de feridas (O SPECTADOR, 1824b, p. 3).

Gamard não se contentava em divulgar os tratamentos e seus benefícios, ensejava ainda a visita dos doutores em Medicina e em Cirurgia para atestarem os benefícios das terapias aplicadas:

Convido aos Sr. Doutores em Medicina em Cirurgia a que se dignem fazer-me o obsequio de visitar este estabelecimento, e de se convencerem por seus proprios olhos, que elle meréce a sua protecção, sendo de esperar que dêem nesta occasiaó huma prova das suas beneficas, e philantropicas vistas recommendando o uso tanto interior, como exterior d'estas aguas preciosas aos seus doentes mandando por escripto a maneira de que devem usar a fim de se poderem com mais facilidade observar os tratamentos que tiverem ordenado. (O SPECTADOR, 1824, p. 3).

Este anúncio indica uma das primeiras tentativas públicas de legitimação perante os médicos acadêmicos ao recomendar ainda que os médicos indicassem os tratamentos da casa de saúde para os seus pacientes.

A estratégia de Gamard sugere uma aproximação ao campo científico da medicina, numa tentativa de evitar um confronto direto, caso demonstrasse que suas atividades terapêuticas como uma ameaça na disputa pelo espaço dominado pela medicina tradicional. A ideia de Gamard em obter o apoio dos médicos era um meio de legitimar suas práticas terapêuticas, perante a opinião pública, que resultaria em uma distinção diante de curandeiros, sangradores e barbeiros que ofereciam seus saberes populares, a sua arte de curar, na Corte imperial.

A principal terapia utilizada por Gamard para o tratamento de doenças eram os banhos, naturais ou artificiais. Os tratamentos medicinais com banhos era uma prática comum na Europa e fazia parte do cotidiano da aristocracia, da burguesia e da camada popular, para os mais diversos tipos de curas, dos males psíquicos, às doenças de pele, ao reumatismo e até a sífilis (BASTOS, 2011).

Em 1829, Gamard continua a aparecer no *Almanak dos Negociantes do Imperio do Brasil*, publicado pela tipografia de Plancher, como médico e proprietário de uma casa de saúde nos arredores do Rio de Janeiro, no morro do Cavalão. Neste mesmo ano, surge a Sociedade de Medicina, que junto com a Academia Médico-Cirúrgica, reforçavam o sentido de união e autoridade entre médicos, farmacêuticos e cirurgiões.

Diante do ambiente insalubre que viviam os habitantes do Rio de Janeiro no início do século XIX, os banhos na casa de saúde em Icarahy deveriam, certamente, trazer benefícios para a saúde e bons resultados na cura de doenças, pois, alguns anos depois, uma nova casa de saúde foi aberta, desta vez, na cidade-sede da corte. Em julho de 1830, aparece na primeira página do *Jornal do Commercio* uma extensa publicidade de uma casa de saúde instalada em Botafogo. Nesta divulgação, sabe-se que o diretor da casa na ocasião era Leopold Gamard, o mesmo que há sete anos é chefe de outra casa de saúde no morro do Cavallão da Praia Grande, em Icarahy. O anúncio destacava ainda os tratamentos de saúde disponíveis na casa e as vantagens da localização em Botafogo. Outro aspecto relevante desta comunicação é a menção sobre o período em que Gamard passou nos Estados Unidos e que praticava as terapias curativas com banhos minerais e vapores com resultados positivos, como a cura de uma epilética considerada incurável:



(...) Administrar-se hão quando for necessário banhos de saúde de águas minerais etc, possuindo além disso o estabelecimento hum aparelho para os banhos a vapor alcohólicos, cujo uso he preciso em muitas molestias, que atacão o systema cutaneo ou molestia da pele, nas temperações suprimidas, dores reumaticas das articulações etc. sendo assas conhecidos os resultados felizes que o Dr. Gamard pelo espaço de quatro annos delle obteve nos Estados-Unidos d'America, achando se descriptos os resultados que obteve no tratamento de molestias do genero chronico em Jornaes Americanos dos quaes apenas citaremos o Medical Repertory de New York de 7 de Junho de 1820 n. IV. Vol. V. pag. 409, que menciona o meio que empregou para a cura de huma joven rapariga de 19 annos atacada desde a infancia de epilepsia (gota coral) com obstrução de figado depois de estar já abandonada, na enfermaria dos incuraveis do Hospital dos Quakers de Philadelphia, cuja cura foi tal que ao depois casou e teve filhos: deste Periodico se acha depositado hum exemplar no Arquivo da casa de Saúde e outro em poder do Ex.mo Sr. Fisico Mor dos Exercitos de S. M. I (...)(JORNAL DO COMMERCIO, 1830, p. 2)

Ainda nesta mesma comunicação, Gamard se oferece para curar qualquer indigente com epilepsia, contanto que tenha sido atestado por algum médico reconhecido. Esta atitude é uma forma de demonstrar a eficiência de suas terapias de cura e poderia indicar uma certa demonstração de superioridade quanto às insuficiências da medicina tradicional. Por outro lado, novamente convidava os médicos a visitarem o lugar e a encaminharem seus pacientes para complementarem o seu tratamento de saúde na casa de Botafogo. Tais estratégias tentavam, em vão, obter o apoio institucional e o respaldo científico às suas atividades terapêuticas (JORNAL DO COMMERCIO, 1830, p. 2).

Em 1831, as atividades das duas casas de saúde do Botafogo e do Morro do Cavallão foram transferidas para uma nova casa localizada na rua da Lapa, n. 87. No anúncio publicado em setembro de 1831, informava que a nova casa oferecia seus serviços aos senhores e senhoras, assim como aos africanos libertos ou escravos, em um ambiente com cômodos separados, além de uma biblioteca e música à disposição. Diferente dos anúncios anteriores, divulga-se ainda o horário e o preço cobrado nas consultas. Pela manhã, atendiam-se as consultas particulares e o período da tarde era destinado às consultas gratuitas para os pobres. Quanto ao valor praticado, o alojamento e o tratamento custavam 2\$000 por dia, e no caso de doenças crônicas, o pagamento apenas seria feito se houvesse cura da moléstia. (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1831).

Segundo Morel (2016, p. 62), a renda mensal mínima de um eleitor chegava a 8\$333, o que poderia classificá-los como parte de uma elite política por deter o direito ao voto. O valor do tratamento na casa de saúde de Gamard custava 2\$000 por dia, quase ¼ do rendimento de um eleitor, o que demonstra que parte dos frequentadores pagantes da casa de saúde tinham poder aquisitivo e faziam parte da elite, já que os pobres e escravos eram atendidos gratuitamente.

Entre 1820 e 1831, o magnetismo animal não era um tema desconhecido à medicina tradicional, nem à parcela da sociedade, atenta às ideias que chegavam da França, difundidas, principalmente, nos periódicos científicos, como o *O Propagador das Ciências Médicas* e jornais de grande circulação, como o *Spectador, Jornal do Commercio e Diário do Rio de Janeiro*. Contudo, os tratamentos curativos aplicados nas casas de saúde por Leopold Gamard não indicavam a prática do magnetismo animal, pelo menos não constava na publicidade encontrada nos jornais até início da década de 1830.

Uma das primeiras referências do magnetismo animal como método de cura aplicado por Gamard aparece em um relato publicado em 1832 no *Jornal do Commercio* sobre uma cura realizada pelo doutor Gamard por meio da aplicação de um fluido magnético. A correspondência em formato de testemunho conta que o Sr. Thomaz Antonio fez uma solicitação ao dr. José André Leopoldo Gamard para tratar sua esposa que sofria de um aneurisma no pescoço:

(...) sendo já abandonada de outros Professores; e sendo examinada a enfermidade pelo dito Sr. Dr. Gamard, elle affirmou a molestia se achava tão exaltada, que tornava incompletos, e inuteis todo e qualquer recurso da Arte, mas que em fim querendo a sobredita doente sujeitar-se a applicação do fluido magnético vital, impropriamente chamado **magnetismo animal**, que elle o faria, cujo remedio se acha em pratica em todas as partes da Europa pelos Medicos mais distinctos, e com sucessos admiráveis, a que elle não duvidava aventurar-se, e sujeitar a sua consciencia e reputação, e de ser talvez tratado pelos ignorantes **de impostor, e charlatão**, o que indubitavelmente aconteceria, não aproveitando o seu tratamento; mais cm o fervor Divino, depois de o haver applicado se restabeleceo perfeitamente a enferma. Publicada por “hum amigo de verdade, e com autoridade da sobredita Sra., que soffreo o mal” (JORNAL DO COMMERCIO, 1832, p. 2, GRIFO NOSSO)

Duas importantes observações podemos destacar na leitura atenta deste testemunho, a aplicação do magnetismo animal no tratamento de uma pessoa “abandonada de outros Professores”, os médicos acadêmicos e o fato de que o doutor Gamard se arriscava a ser considerado um “impostor e charlatão”.

Desde o surgimento da teoria idealizada pelo médico austríaco Frans Aston Mesmer, ainda no século XVIII, o magnetismo animal aprendeu a conviver com denúncias de charlatanismo, ao mesmo tempo conseguia atrair uma numerosa quantidade de adeptos de todas as classes sociais.

### *O fluido universal e a arte de curar pelo magnetismo animal*

Os princípios e a prática do magnetismo animal consolidaram-se na França pré-revolucionária. Mesmer afirmava ter descoberto a existência de um fluído universal comum a todos os seres vivos que mantinha as forças de atração do universo em equilíbrio por meio de propriedades magnéticas.

Em 1766, Mesmer apresentou sua tese sobre a influência dos planetas sobre o corpo humano na Universidade de Medicina em Viena. Mesmer afirmava que havia no universo um fluido magnético que atuava por meio da ação da gravidade, semelhante a um íman, atravessando todos os seres vivos, influenciando nas suas condições físicas e psíquicas (DARNTON, 1988, p. 13-14). Contudo, a corrente de fluido que perpassa o corpo físico não era uniforme, nem contínua, pois dependia das circunstâncias de cada indivíduo. Para Mesmer, as doenças impediam o fluxo do fluído no corpo, desequilibrando as funções vitais do organismo. Este problema seria, então, resolvido, reforçando a quantidade de fluido vital para desobstruir o percurso do fluido pelo corpo.

Ainda em Viena, Mesmer começou a aplicar sua teoria em terapias de cura por meio da manipulação de seu próprio fluido por meio de hastes metálicas que ligavam seu corpo aos pacientes ou por meio de uma grande cuba metálica com água magnetizada. As sessões magnéticas de Mesmer, por vezes, induzia a crises nervosas e convulsões, reações esperadas que ajudavam a harmonizar o organismo por meio do controle do fluido magnetizado. O método de cura de Mesmer logo foi rejeitado pela faculdade de medicina de Viena. Assim, em 1768, Mesmer chegava em Paris, vislumbrando a cidade francesa como o centro cultural e intelectual, ambiente propício para a divulgação e o desenvolvimento de suas ideias (NEUBERN, 2007, p. 348-350).

Em Paris, o médico austríaco começou a aplicar as terapias de cura pelo magnetismo animal, conhecido também por “mesmerismo”, ao mesmo tempo que tentava obter a aprovação de sua teoria, apresentando também os resultados obtidos na *Académie des sciences* e na *Société Royale de Médecine* de Paris. No entanto, as instituições científicas parisienses rejeitaram seu método. Por outro lado, o magnetismo animal atraía cada vez mais a atenção do público francês, mesmo diante de acusações de charlatanismo. Em 1779, Mesmer publicava *Mémoire sur la découverte du magnétisme animal* e apresentava as principais proposições de sua teoria.

Para o historiador americano Robert Darnton (1988), o “mesmerismo” ou “magnetismo animal” fazia parte da mentalidade da sociedade francesa pouco antes da Revolução Francesa acontecer, tornando, ele mesmo, um meio capaz de difundir o

pensamento revolucionário entre as diferentes camadas da população, que atraía mais do que as ideias políticas e sociais de Rousseau. Motivo suficiente para deixar o rei em alerta.

Em 1784, o rei Luis XVI instituiu uma comissão formada pelos mais influentes cientistas da época, como o embaixador americano e cientista Benjamin Franklin, o químico Antoine Lavoisier, o astrônomo Jean Sylvain Bailly, o médico Joseph-Ignace Guillotin e o botânico Antoine Laurent de Jussieu, para averiguar o método terapêutico do magnetismo animal e avaliar os casos de curas propagadas. Após uma intensa investigação, a comissão concluiu que os resultados do magnetismo animal não passavam de uma indução sugestivamente, pois “o fluido de Mesmer não existia; as convulsões e outros efeitos do mesmerismo podiam ser atribuídos à imaginação superexcitada dos mesmeristas” (DARNTON, 1988, p. 63).

Para Darnton (1998), a rejeição ao magnetismo animal pelas autoridades científicas devia-se mais ao espaço de sociabilidade aberto à difusão de ideias contrárias ao governo. Por outro lado Neubern (2018, p. 348), seguindo uma perspectiva epistemológica, a condenação do magnetismo animal estaria relacionado à incompatibilidade das ideias de Mesmer com o moderno projeto de ciência, que se sustentava na ideia de que a ciência “preconizava um acesso direto, privilegiado e revelador da realidade, como a explicação, a predição e o controle da natureza”.

De todo modo, mesmo que as ideias de Mesmer não tenham conseguido resistir ao rigor científico da época, o magnetismo animal continuava a atrair adeptos, expandindo-se para além das fronteiras francesas. Novas descobertas atraíam a atenção do público como o “sono magnético”, conhecido como o sonambulismo lúcido apresentado pelo Marques de Puységur. Nas décadas seguintes, os discípulos de Mesmer seguiriam outros caminhos, afastando-se dos princípios filosóficos iluministas e aproximando-se das diversas formas de espiritualismo, que incluía a vidência e a conversa com espíritos e fascinariam o público, curiosos sobre o sobrenatural e o subjetivo.

### *Os primórdios do magnetismo animal no Brasil*

É senso comum afirmar que os primórdios do magnetismo animal no Brasil relacionam-se ao momento em que a Leopold Gamard, na tentativa de obter a legitimidade científica do magnetismo animal como terapia curativa, apresentou a *Memória sobre o Magnetismo Animal* à Sociedade de Medicina em 1832 (CÂMARA, 2013; VERONESE, 2013). Contudo, não se pode restringir a difusão do magnetismo animal apenas a partir deste fato, por duas razões, Gamard já praticava o magnetismo animal antes mesmo de expor sua

*Memória* à Sociedade de Medicina e o magnetismo animal não era um tema desconhecido na sociedade imperial.

Em 1816, o jornal oficial da corte de D. João VI, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, publicava uma pequena nota sobre uma Comissão em São Petersburgo para “examinar a utilidade do magnetismo animal”. A conclusão desta comissão era de que o magnetismo “he hum remédio importante, mas que dele só devem fazer aplicação os Medicos bem instruídos” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1816, p. 1).

Enquanto isso, o periódico *O Propagador das Sciencias Medicas*, que tinha o intuito de difundir qualquer questão sobre os diversos ramos da "arte de curar", sem se apoiar a nenhum partido médico, assumindo um papel crítico, publicava em 1827 um artigo do médico francês José Francisco Xavier Sigaud, fundador do periódico e da futura Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1829. Neste artigo, Sigaud informava que a Academia de Medicina de Paris havia constituído uma nova Comissão para voltar a investigar o magnetismo animal que havia retomado com um crescente número de adeptos e curiosos. Neste artigo que se estendeu nas edições seguintes, Sigaud informava que entre os opositores dos magnetizadores, o professor Desgenettes afirmava que "o magnetismo não he mais que uma charlatanaria" e engrossava o coro daqueles que eram contra a comissão, pois daria mais publicidade aos “audaciosos” magnetizadores, enquanto Bally concluía que "o magnetismo actual existe ridicularisado por toda a parte, tudo nelle serão trevas e confuzão, tudo nele será huma mina inesgotável para os charlatães". Sigaud assinalava que entre os defensores da comissão, alguns questionavam se não seria prudente considerar que nem todos os fenômenos magnéticos fossem uma simulação, em meio a tanta "charlatanaria", já que "se os phenomenos magneticos offerecem couzas extraordinarias, os phenomenos da electricidade nao deveriam parecer menos maravilhosos na época" (O PROPAGADOR DAS SCIENCIAS MÉDICAS, 1827a, p. 377-280).

Entre opositores e defensores, havia divergências entre os próprios médicos da Academia francesa que atestavam a realidade dos fenômenos magnéticos, como o doutor Chardel, por ter presenciado um caso de sonambulismo e por consistir em fenômenos particulares, produto da imaginação ou não, mereciam serem estudados (O PROPAGADOR DAS SCIENCIAS MÉDICAS, 1827b, p. 113-115). Ainda nesta mesma edição, publicava-se uma tradução das *Cartas sobre o Magnetismo Animal*, texto atribuído a J. Amadeo Dupau, e as considerações do médico francês Antoine Laurent Jessé Bayle sobre as últimas experiências do magnetismo animal e uma nova teoria sobre suas causas do fenômeno. Diante dos fatos e das análises observadas acerca do magnetismo animal, Bayle dizia:

Sou ao mesmo tempo partidista e adversário Magnetismo Animal; partidista, porque observei e reconheço efeitos reaes na sua prática, adversário, porque rejeito com energia todas as charlatanarias introduzidas pelos magnetizadores, todos os erros que eles introduzirão na sua arte (O PROPAGADOR DAS SCIENCIAS MÉDICAS, 1827b, p. 207)

A exposição de Bayle detém-se ao fenômeno das sonâmbulas e as experiências de adivinhação e vinculava o estado sonambúlico aos estados alterados de doenças nervosas. Segundo Bayle, Dupau considerava os fenômenos magnéticos semelhantes às doenças cerebrais e tinham como origem a excitabilidade extrema do sistema nervoso, a imaginação e a disposição a moléstias nervosas. Portanto, muitos dos fenômenos magnéticos se reduzem a razões patológicas e fisiológicas. Dupau alertava ainda sobre os perigos para a saúde que a prática do magnetismo poderia causar (O PROPAGADOR DAS SCIENCIAS MÉDICAS, 1827b, p. 206-233).

O “sono magnético” ou “sono lúcido” foi identificado por Armand Chastenet, o Marquês de Puysegur, seguidor de Mesmer, que afirmava ser possível ao magnetizador fazer uma pessoa chegar a um estado de transe sonambúlico por meio do controle de seu fluido universal. Neste estado de sonambulismo, seria uma forma mais fácil de se tratar o doente. Para o Marquês de Puysegur, os indivíduos em sono magnético ou sonambulismo lúcido ampliavam suas capacidades de cognição e sensoriais com a aptidão de adivinhação e uma visão de lugares distantes (VERONESE, 2017, p. 85-86).

Destas experiências, surgia a figura do sonâmbulo que, à semelhança das sibilas<sup>4</sup>, popularizava-se com a prática adivinhatória. Das sessões magnéticas, induzidos pelos magnetizadores, os sonâmbulos passaram, em meados do século XIX, a compor, juntamente com as sessões de mesas girantes e a conversa com espíritos, o cenário de entretenimento que faziam sucesso em salões parisienses (PRIORI, 2014, p. 28).

Este amplo debate que ocorria em Paris sobre as práticas do magnetismo animal e o fenômeno das sonâmbulas, reproduzido nas páginas dos principais periódicos de medicina no Rio de Janeiro, motivava uma predisposição dos médicos brasileiros a se posicionarem em lado oposto às teorias de Mesmer, e que viria a fundamentar o debate e os ataques ao magnetismo animal e seu principal defensor, Leopold Gamard, na cidade imperial do Rio de Janeiro.

*Leopold Gamard e o Magnetismo Animal no centro de disputas*

Na sessão de 15 de maio de 1832 da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro elegia-se o médico Augusto Renato Cuissard como relator da *Memória sobre o Magnetismo Animal*, encaminhada por Leopold Gamard que deveria avaliar a pertinência do conteúdo apresentado. Cuissard apenas iria apresentar o seu relatório na sessão de 06 de outubro de 1832, com a conclusão de rejeitar a *Memória* apresentada por Gamard.

Infelizmente, a *Memória sobre o Magnetismo Animal* nunca foi à público. Em um texto publicado no *Diário de Saúde*, em 1835, Gamard informava que, sem se dar por vencido, havia escrito uma à Sociedade de Medicina, em resposta ao relatório de Augusto Cuissart, “porem ella não foi mais feliz do que a memória e não pode alcançar as honras da impressão”. Neste artigo em que trata sobre o magnetismo animal, Gamard queixava-se ainda da parcialidade “pouco ortodoxa” da Sociedade de Medicina, embora mantinha firma a convicção de que, aos poucos, a verdade seria compreendida (DIÁRIO DE SAÚDE, 1835, p. 182).

O relatório preparado pelo doutor Augusto Cuissart, que tomava praticamente toda a edição do *Semanário de Saúde Pública* de 1832, apresentava uma síntese sobre as origens do magnetismo animal, as teorias e as experiências já realizadas. Em tom de irônico, Cuissart inicia seu relatório afirmando sua hesitação em dar o seu parecer à *Memória* de Gamard “pela repugnância que qualquer um sentiria” em se ocupar de uma obra que contem afirmações como: “a *Medicina* he ‘*sciencia chimerica*’, e o *Magnetismo animal* a *pedra angular da Therapeutica!*”. Entretanto, a exemplo das sociedades científicas francesas que se debruçaram no assunto, Cuissart decidia fazer uma “rápida exposição do Magnetismo, afim de se discutir se a Sociedade de Medicina póde ocupar-se d’esta questão sem risco para a existencia dos doentes, e a moral pública” (SEMANÁRIO DE SAÚDE PÚBLICA, 1832b, p. 441).

O mais interessante no relatório produzido pelo médico Augusto Cuissart é que muito se assemelha, em várias partes, e mais se aproxima de um plágio, do texto escrito por Antoine Laurent Bayle, publicado em 1827, no periódico *O Propagador das Sciencias Médicas* e que tratava de suas considerações sobre a *Cartas sobre o Magnetismo Animal* de J. Amadeo Dupau publicadas na França, mencionado anteriormente. Logo no início do relatório, entre outros trechos, quase cópias do texto de Bayle, Cuissart declarava-se: “ao mesmo tempo partidista e adversário do Magnetismo animal; partidista, porque observei, e reconheci resultados reaes do seu emprego; adversário, porque rejeito com toda a energia todas as charlatanarias dos magnetizadores” (SEMANÁRIO DE SAÚDE PÚBLICA, 1832b, p. 441), exatamente como o médico Bayle havia se declarado. Não será necessário repetir o trecho

plagiado por Cuissart, já citado anteriormente, o que é importa notar a dúvida sobre o posicionamento pessoal de Cuissart, tendo em vista ser uma afirmação de outra pessoa.

No relatório, Cuissart discorria ainda sobre as origens do magnetismo animal, a começar pelas referências filosóficas e científicas que influenciaram Mesmer a desenvolver a sua própria teoria. Cuissart lembra que as divergências entre os próprios discípulos de Mesmer, resultando em diferentes teorias:

1º A influencia da vontade sem dependência da existência de hum fluido, *MM. de Puységur e muitos outros magnetizadores da época actual.*

2º A transmissão de hum fluido vital particular, que serve de liga entre o corpo e a alma por meio da vontade. *M. Deleuze e sua escola*

3º A transmissão do fluido nervoso por meio da vontade. *MM. Rostan, Georget, etc.*

4º Finalmente a produção dos fenômenos magnéticos sem fluido, e vontade, e só pela fé do magnetizado. *M. Bertrand* (SEMANÁRIO DE SAÚDE PÚBLICA, 1832b, p. 444).

Seguindo o mesmo discurso científico dominante, Cuissart afirmava que muitos dos fenômenos magnéticos, como os sonâmbulos, estavam relacionados à disposição do indivíduo às doenças nervosas e aos mistérios do sistema nervoso, ainda pouco conhecido pela ciência. Ao afirmar que “o magnetismo ainda dorme no Brasil”, Cuissart destacava que apesar de ser uma prática corrente, era preciso “cuidar para não o acordar”. E questiona se “haverá um só motivo que legitime semelhante prática?”. O médico alerta, ainda, para os “perigos a moral publica e para a segurança das famílias”, tendo em vista a influência do magnetizador sobre o sonambulo que, em um estado adormecido não causa resistência. Existe ainda o risco de surgir uma “devoção completa e absoluta” devido a uma relação de uma maior intimidade entre um doente e o magnetizador que passa a conhecer os segredos de família e os interesses mais sagrados. Cuissart chega a especular um outro tipo de relação, sugerindo “o que dever acontecer quando a doente he moça e o magnetizador homem prendador”. Por fim, Cuissart conclui que: “A sciencia que cada dia estudamos não he sciencia occulta e ninguem neste recinto se quererá transformar em pelotiqueiro de praças. Eu concluo votando na rejeição da memoria de Mr. Gamard” (SEMANÁRIO DE SAÚDE PÚBLICA, 1832b, p. 447-448).

De qualquer modo, o “erudito julgamento” (CÂMARA, 2017, p. 35) sobre a *Memória* de Gamard, independente dos plágios identificados, continua a notável por representar a primeira condenação formal da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro ao magnetismo animal. Apesar disto, Leopold Gamard continuou com suas atividades. O magnetismo animal



e as terapias populares curativas não eram proibidos pelo Governo Imperial e conviviam com a prática médica de doutores em medicina habilitados.

Estabelecia um embate cada vez mais acirrado entre Gamard e o campo da medicina na disputa por espaço e pela legitimidade frente à opinião pública. Como um saber popular, rejeitado pelo rigor acadêmico, o magnetismo animal tentava escapar das imposições operadas pelas instituições dominantes e tomava lugar por meio de distintas “maneiras de fazer”, assim como Certeau (1998, p. 41) percebe as estratégias das práticas populares, que mediante apropriações e reapropriações pelos sujeitos conforme suas próprias regras, mantinham ativas na sociedade, mesmo diante das regras impostas do grupo social dominante.

Segundo Câmara (2013, p. 36), após esta rejeição, Gamard teria exercido o magnetismo de forma tão discreta que pouco se ouviu falar do médico francês. Contudo, não é possível inferir até que ponto tal rejeição influenciou nos negócios de Gamard. O que se sabe é que Gamard, em 1836, já não dirigia a casa de saúde da Lapa, morava na casa dos irmãos leiloeiros Bouis e passava por problemas com dívidas (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1836, p. 3).

Após passar alguns anos ausente da cidade do Rio de Janeiro, Gamard informava no *Diário do Rio de Janeiro* que retomava as suas atividades na Corte, atendendo em sua residência e continuava a tratar de toda e qualquer doença crônica. (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1843, p. 4). Desta vez, sua atuação discreta dava lugar à intensa publicidade. Leopold Gamard tornava-se um contumaz usuário da imprensa como meio de divulgar o seu trabalho, enfatizando os benefícios do magnetismo animal na cura de doenças crônicas.

### *Testemunhos como publicidade*

Com a abertura dos portos decretada por D. João VI, os núcleos urbanos viram uma grande leva de produtos estrangeiros circularem no país, assim como a oferta de todo o tipo de serviços oferecidos por brasileiros e estrangeiros. O fim do monopólio da Imprensa Régia, a tipografia oficial e o fim da censura para impressão e na importação de impressos, provocaram um impressionante aumento de tipografias<sup>5</sup> e a criação de inúmeros jornais nas primeiras décadas do século XIX. Neste cenário, a imprensa tornou-se o principal meio de divulgação de produtos e serviços para comercialização por meio de anúncios publicitários.

Considerando que a publicidade é um ato de difundir ideias e influenciar um público a comprar algum produto ou serviço, enfatizando benefícios e qualidades, enquanto a propaganda objetiva disseminar ideias influenciando as atitudes e opiniões do público (SANTOS; CÂNDIDO, 2017, p. 4), Leopold Gamard aproveitou bem o espaço jornalístico

para divulgar suas ideias e seus serviços. Gamard utilizava-se de várias estratégias de persuasão que o texto publicitário permite para divulgar e atrair público para os seus serviços terapêuticos, assim como a propaganda para difundir pela imprensa os benefícios do magnetismo animal nos processos de cura de moléstias.

Uma destas estratégias foi o uso corrente dos testemunhos como meio de legitimar e dar credibilidade às suas atividades terapêuticas perante a opinião pública, a partir do relato de experiências concretas de pacientes que permitiam ao leitor uma identificação emocional com a situação narrada. Esta estratégia de divulgação foi muito frequente durante o ano de 1844. Os testemunhos de pacientes publicados nos jornais podiam aparecer assinados pelo próprio Gamard, como pelos próprios pacientes ou familiares dos doentes curados.

Os testemunhos seguiam uma mesma estrutura discursiva, sugerindo uma participação efetiva do próprio Gamard na elaboração destes textos com o intuito de exaltar a sua competência na cura de doentes desenganados. Na primeira parte do testemunho, era relatada a saga do doente na medicina tradicional para tratar de uma grave moléstia. Em seguida, dizia que, apesar de todos os esforços, não havia sido curado pela medicina tradicional e, portanto, como último recurso, recorria-se ao tratamento do doutor Gamard e ao magnetismo animal.

De bexigas, diarreia, aneurisma, lesão no coração, problemas crônicos de visão, reumatismo, tumores na vulva, faziam parte dos relatos de cura em consultas magnéticas publicados nos jornais, na tentativa de oferecer uma maior credibilidade ao público leitor. Exemplo disto é o relato transcrito a seguir:

Eu abaixo assignado, morador na rua do Cano n. 109, declaro que havia mais de um anno estava achacado com uma dyarrhéa de sangue acompanhada com febre, não obstante os bons tratamentos de vários facultativos; emfim, todos julgarão que tinha pouco que viver, quando meu irmão teve a fortuna de encontrar o Dr. J. A. L. Gamard, morador na rua da Ajuda n. 71, o qual, examinado o meu estado de fraqueza, declarou que faria apressar a minha morte, se ele me applicasse qualquer remédio; só o magnetismo animal podia-me salvar; com efeito, ele principiou a 21 de outubro do anno passado, e alguns dias depois já sentia melhoras sensíveis, e no fim de dezembro seguinte fiquei inteiramente restabelecido. Repito que não usei de medicamentos alguns; só bebi água magnetizada; foi só milagre do magnetismo que conheci, já pelos elogios que ouvi tantas vezes quando assisti em Paris; se preciso fôr produzirei os nomes dos facultativos que me tratarão e me condemnarão.  
Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1844. – P. V. Dufour.<sup>1</sup> (JORNAL DO COMMERCIO, 1844a, p. 3).

Gamard também se dedicava a publicar comunicados elaborados esclarecendo sobre os novos métodos, os resultados de cura do magnetismo animal para todo o tipo de doenças

---

<sup>1</sup> Nas citações transcritas, optamos por manter a grafia original.

crônicas. No entanto, publicava também anúncios concisos e diretos, divulgando seus serviços, indicando seu endereço e o custo das consultas:

O DR. J. A. L. Gamard, ex-segundo medico do exercito da Bahia, tem a honra de participar ao respeitavel publico que mudou o seu escriptorio para a rua dos Latoeiros n. 9, onde continua a dar consultas todos os dias uteis desde as 6 até ás 10 horas da manhã, e das 6 às 10 horas da noite.

As pessoas que quizerem utilizar-se do seu prestimo, seja medical ou magneticamente, terão a bondade de chama-lo por escripto para serem procurados. O Dr. Gamard previne que as visitas magneticas serão pagar dobrado e conforme a natureza das molestias. Para os pobres ellas serão grátis (JORNAL DO COMMERCIO, 1844c, p. 4).

A publicidade e a propaganda foram o principal meio de difusão do magnetismo animal, possível de se evidenciar. Os espaços de sociabilidade informais, como sugere Morel (p. 258), como os cafés, teatros, livrarias, saraus, as associações e os passeios na famosa rua do Ouvidor, que congregavam a elite cultural e política, também eram meios eficientes na divulgação e na formação da opinião pública acerca das atividades oferecidas por Gamard.

#### *A novidade das sonambulas*

Apesar do sonambulismo magnético não ser uma novidade, Leopold Gamard, estava atento ao alvoroço causado pelo fenômeno das sonâmbulas que se espalhava na França. Em meados de 1844, a curiosidade que as pessoas tinham acerca das sonâmbulas motivou o médico francês a incorporar uma sonâmbula em suas consultas, como indica o trecho de um anúncio publicado no *Jornal do Commercio* transcrito a seguir:

(...) o doutor apresentará de vez em quando à contemplação dos sabios uma **sonambula magnetica** crioula, phenomeno o mais pasmoso da natureza; quem quizer vê-a pode perguntar por escripto todos os sabbados de manhã até às 10 horas, que immediatamente receberá respostas, na rua da Conceição n. 7, onde o doutor estabeleceu o seu gabinete de consulta: o respeitavel publico deve bem persuadir se quando um doente não pode ser curado com este **novο methodo de cura**, então absolutamente inutil é procurar por outro meio, o que o doutor promette provar (...) (JORNAL DO COMMERCIO, 1844b, p. 4, grifo nosso).

Embora as sonâmbulas tivessem adquirido um caráter mais de entretenimento e curiosidade, Gamard divulgava a sua sonâmbula, como um novo método curativo. A incorporação da sonâmbula nas sessões magnéticas fizera as sessões dobrarem de valor.

Em 1845, após várias mudanças de endereço, Gamard retornava à rua do Ouvidor, o que sugere uma melhor situação financeira, tendo em vista a frequência da célebre rua, frequentada pelas elites fluminenses, por intelectuais e por políticos. A participação da

sonâmbula em suas consultas sugere uma certa mudança em sua linha de atuação, buscando a atração do imaginário popular pelo fantástico e a curiosidade pelo desconhecido.

No anúncio intitulado "Magnetismo, ou Mesmerismo e sonambulismo", Gamard divulgava que quem quisesse ter a certeza da moléstia que padece e não pode ir ao consultório, que mandasse "um lençol que lhe pertença ou um pouco de seus cabellos, ou enfim, um escripto qualquer de seu punho bastará para a sonambula que elle tem reconhecer a pessoa doente e o diagnóstico certo da moléstia" e, se for mesmo necessário, a própria sonambula indicaria o tratamento (JORNAL DO COMMERCIO, 1845, p. 4).

Contudo, neste mesmo anúncio Gamard solicitava "*por favor e por humanidade*" que não enganassem a sonambula, ao enviar objetos de outra pessoa ou os cabelos de uma pessoa morta, como já aconteceu, que resultou no sonambulo cair em convulsões. Pelo visto, entre os crédulos que se dirigiam às consultas magnéticas, haviam aqueles que tinham a intenção de pôr a prova as capacidades da sonâmbula.

O fenômeno do sonâmbulo, mais frequentemente praticado pelas mulheres, não demorou a se popularizar no Brasil. No início, os sonâmbulos eram dependentes do magnetizador que os fazia chegar a um estado de transe, que segundo os magnetizadores, aumentava as capacidades sensoriais e permitiam identificar doenças, até mesmo, prever o futuro. Na segunda metade do século XIX, as sonâmbulas proliferaram por meio de consultas sem a participação de magnetizadores capazes de chegar ao "sono lúcido". As sonâmbulas tinham com o poder da vidência, de conversar com os espíritos e tratar doenças, transformando-se em uma "rendosa profissão" (MACHADO, 1997, p. 43).

Em meados da década de 1840, o magnetismo já se fazia presente entre as elites, seja por "curiosidade científica ou por simples passatempo" (MACHADO, 1997, p. 44). Neste ínterim, em um comunicado publicado no *Jornal do Commercio* em 1844, Gamard transparecia certa preocupação com a popularização do magnetismo ao afirmar que vários médicos estavam aplicando o fluido magnético em casos perigosos. Segundo o magnetizador francês, não era verdade que "todos podem magnetizar -, prouvera a Deos! Os livros não bastão para ensinar a sciencia magnetica, assim como também não bastão para ensinar a pratica da medicina". Diante disto, Gamard se oferecia para ensinar a técnica do magnetismo animal, pois era a pessoa que primeiro trouxe este método de cura para o Brasil, há mais de 20 anos (JORNAL DO COMMERCIO, 1844b, p. 4).

*Os últimos embates de Leopold Gamard*

O retorno de Gamard à Corte e a publicidade de seus tratamentos não tardariam a suscitar novas polêmicas. Desta vez, as críticas à prática do magnetismo animal, sem respaldo científico, deram lugar a acusações de falsidade quanto à formação em medicina do “dito” médico e magnetizador.

O ataque mais duro seria feito pelo médico, membro honorário da Academia Imperial de Medicina, o doutor José Bento da Rosa. Em carta remetida ao *Jornal do Commercio*, Gamard rebatia, ao que se referia como calúnias do doutor José Bento da Rosa, quanto à sua identidade. Gamard apresentava uma longa declaração que discorria sobre as suas origens e sua vida em Amiens e em Gand. Sobre a questão mais crítica sobre a sua formação em medicina, Gamard sustentava que havia obtido a permissão de exercer a medicina como segundo médico do Exército Pacificador na Bahia, em 1822 pelo governador da província, Paulo José de Mello. E quando chegou à Corte, afirmava que havia recebido a licença de exercer a medicina pelo então Físico-Mor Francisco Manoel. Quanto a confirmação de sua formação em medicina, Leopold Gamard afirmava que seu diploma havia sido examinado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e que a Câmara Municipal havia concedido a licença para estabelecer a casa de saúde no morro do Cavallão (JORNAL DO COMMERCIO, 1845b, p. 3)

Contudo, alguns dias depois de Gamard expor a sua versão, o *Jornal do Commercio* publicava uma extensa comunicação do doutor José Bento da Rosa que tinha a intenção de revelar a identidade de Gamard e questionar a legitimidade da documentação relativa à formação em medicina apresentada. A correspondência de José Bento apresentava diversos pareceres que concluíam pela inexistência de documentos oficiais que comprovassem a sua formação em medicina. Segundo o médico brasileiro, o diploma de medicina nunca havia sido legalizado na França, nem no Brasil, pois o diploma apresentado à Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro não continha o selo que determinava a sua idoneidade. Quanto a identidade de Gamard, segundo informações do consulado francês, não havia registros sobre a idade, estado civil e local de nascimento, nem mesmo o passaporte de estrangeiro. E, conforme o parecer assinado por Pedro Labatut, um dos líderes do Exército Pacificador na Bahia, dizia que o general francês havia aceito Leopold Gamard como ajudante do cirurgião-mor, e pouco tempo, teria o exonerado, devido a sua inaptidão para tal atividade (JORNAL DO COMMERCIO, 1845c, p. 2)

Em resposta aos documentos “fantásticos” apresentados pelo doutor José Bento, Gamard, já com idade avançada, contestava pontualmente as informações apresentadas e protestava:

É no fim de uma vida dedicada ao bem da humanidade, e quando me vejo ás bordas da sepultura, que, insultando minhas cãas (sic) certos homens, fazendo abstracção de todo o princípio da humanidade, barateando a sua dignidade pessoal, não se pejarão de empregar contra mim a arma da intriga e da mais atroz calúnia. Qual é meu crime?... Grande Deos! É de ter salvado a vida de uma ilustre senhora brasileira, mai de numerosa familia, que, entregue mais de oito mezes às mãos de um joven para evitar uma morte imminente, recorreu á minha experiencia médica, adquirida por mais de trinta annos de clinica, tanto na Europa, como nos Estados-Unidos e no Brasil! Os meus inimigos, perseguindo em mim o *apostolo do magnetismo animal*, commettêrao um verdadeiro assassinio moral contra um velho inoffensivo. Deos lhes perdôe como lhes perdôa a victima resignada! (JORNAL DO COMMERCIO, 1845d, p. 2)

O licenciamento em medicina de Gamard nunca foi confirmado enquanto esteve vivo. Os registros por ele apresentados não haviam sido aceitos, mas nem por isso, indicavam que eram falsos. Licenciado em medicina ou não, o fato é que Gamard exerceu suas atividades com a predisposição de enfrentar todos que se opunham às suas ideias. Gamard buscou legitimar a sua atividade até a fim de sua vida sem desmerecer a atividade médica tradicional, sempre considerando as práticas terapêuticas como medidas complementares, e nos casos em que a medicina tradicional não conseguia resolver. Em certo momento, preocupado com a expansão da prática do magnetismo animal por médicos sem preparação, Gamard se referia a si mesmo como aquele que precisou lutar sozinho pelo bem da humanidade:

(...) nesta occasiao bom é notar que elle foi obrigado a lutar, elle sozinho, contra a ignorancia e a má fé, até comprometter se em sua fortuna e seu credito, soffrendo as zombarias dos incredulos, com resignações philosophicas, consolando-se com o bem que elle fez a muitos ingratos; não obstante tanta magoa, elle ha de consagrar até o seu ultimo suspiro seus trabalhos pelo beneficio da humanidade (...). (JORNAL DO COMMERCIO, 1844b, p. 4)

Sem data precisa, Gamard veio a falecer em janeiro 1846, aos 65 anos e deixava a vida como o primeiro magnetizador do Brasil. Na 9ª sessão do Instituto de Homeopathico do Brasil, realizada em 10 de janeiro de 1848, o médico francês Benoît Jules Mure, defensor da homeopatia, referia-se ao doutor Leopold Gamard como “o patriarca do magnetismo no Brasil”, aquele que resistiu e se manteve firme em suas convicções mesmo após ataques contra suas ideias (A SCIENCIA, 1847/1848, p. 1).

O legado de Leopold Gamard foi seu empenho em difundir a técnica terapêutica pelo magnetismo animal, ao enfrentar disputas e embates, que abriu caminhos para que o magnetismo animal atraísse novos adeptos dentro do círculo acadêmico da medicina e mantivesse o interesse na busca por terapias alternativas para a cura de doenças.

### *O magnetismo animal na segunda metade do século XIX*

Em 1861, o *Jury Magnético*, associação sediada no Rio de Janeiro e formada por médicos e farmacêuticos adeptos ao magnetismo animal, encaminhava os estatutos da *Sociedade Propagadora do Magnetismo* e do *Jury Magnético* para autorização do Governo Imperial. A legislação aprovada no ano anterior exigia que toda e qualquer sociedade requisitasse uma autorização de funcionamento ao Conselho do Estado (VICENTE, 2012, p. 38-39).

O objetivo da *Sociedade Propagadora do Magnetismo* e do *Jury Magnético* era de propagar, estudar e aplicar o magnetismo animal em práticas terapêuticas para curar as doenças, com a ressalva de que a terapia pelo magnetismo deveria ser realizada apenas por médicos competentes. Segundo Vicente, (2012), o estatuto da *Sociedade Propagadora do Magnetismo* e do *Jury Magnético* foi analisado pelo Conselho de Estado no dia 3 de maio de 1862 e, possivelmente, tenha obtido a autorização, pois mantiveram reuniões periódicas durante o ano de 1862 (JORNAL DO COMMERCIO, 1862, p. 2).

Contudo, a autorização de funcionamento não implicava a legitimação científica do magnetismo animal, nem confirmava sua ampla aceitação pela sociedade, como dizia a *Marmota Fluminense*, que “o magnetismo animal continuou a ser como no tempo de sua aparição, e até os nossos dias, aceito por uns, combatido por outros, e repellido pela multidão” (MARMOTA FLUMINENSE, 1852).

A introdução de elementos místicos e do espiritualismo distanciava o magnetismo animal da linha científica defendida por Mesmer. As sonâmbulas videntes entretinham as sessões magnéticas e as conversas com espíritos em mesas girantes que se popularizavam com os primórdios da difusão da doutrina Espírita de kardecista no Brasil<sup>6</sup>. Essa abertura na sociedade coexistiu com as contínuas disputas no campo científico, algo que se configurou durante todo o período monárquico, condição esta que seria modificada radicalmente na República.

Nos primeiros anos da República, o pensamento positivista dominante que se entranhava nas instituições republicanas conduzia o Estado a condenar as práticas de cura não tradicionais e os saberes populares. Em 1890, o Decreto nº 847 de 11 de outubro tornava o magnetismo animal, a homeopatia, o hipnotismo e o espiritismo crimes contra a saúde pública (BRASIL, 1890, p. 2688). A deposição do regime monárquico pelas elites republicanas e a instauração de uma nova ordem política e social calcava-se na ideia do progresso, do moderno, no pensamento racional e científico como meio de sobrepor o atraso gerado pela escravidão e pela monarquia. Neste contexto, os saberes populares não legitimados pela

ciência, como o magnetismo animal, representavam o retrocesso e a decadência de um Império que permitia tratamentos de saúde com base em saberes sem base científica e, portanto, deveriam ser expurgados da sociedade.

Nos dias atuais, o que restou do magnetismo animal deve-se mais aos adeptos do espiritismo kardecista. Segundo Kardeck, havia uma ligação estreita entre o magnetismo e o espiritismo (KARDECK, 2004 apud MORAES 2017, p. 96), ao se referir à aplicação de passes como meio de cura. A prática do passe busca transmitir fluidos magnéticos e fluidos espirituais com as mãos. É possível entender o passe como resultado dos processos apropriações da prática do magnetismo animal, na aplicação do fluido magnético, construindo novos sentidos e ressignificações das práticas culturais, oriundas de novos contextos e realidades (CHARTIER, 2002).

### *Conclusão*

José André Leopoldo Gamard, nome aportuguesado de Joseph Andrey Leopold Gamard é considerado o precursor do magnetismo animal no Brasil, imigrante francês que havia chegado ao país nos primeiros de 1820. O magnetismo animal concorria com os diversos saberes populares da arte da cura presentes no Rio de Janeiro na primeira metade do Oitocentos. Entretanto, desde a sua origem na França pelo médico austríaco Mesmer, o magnetismo animal pretendia-se ser uma prática científica, capaz de se submeter às avaliações do campo científico da medicina.

Contudo, rejeitado pelas instituições na Europa, logo também seria rejeitado no Brasil após a tentativa de legitimação por parte de Leopold Gamard. Por outro lado, Gamard buscava também se legitimar perante a opinião pública que se formava com a difusão da imprensa. Atento ao impacto que relatos de pacientes curados pelo magnetismo animal, Gamard passou a fazer amplo uso da publicidade dos jornais por meio da publicação de testemunhos dos seus pacientes, dando maior credibilidade aos tratamentos e sensibilizando os leitores.

Gamard foi questionado até o fim da vida sobre a sua identidade e idoneidade quanto a sua identidade e formação em medicina por seus opositores no Rio de Janeiro. E, no entanto, Gamard mantinha-se um fervoroso defensor do magnetismo animal de Mesmer, como continuava a consultar e a tratar de doenças crônicas.

O intenso embate no campo da medicina provocado pela introdução de um novo saber, a arte de curar pelo magnetismo animal nos primeiros anos do século XIX no Brasil, demonstrou uma crescente preocupação dos médicos licenciados em compartilhar o espaço da



atividade curativa com os saberes populares bastante procurados pela população. A rejeição ao magnetismo animal coincidia com o fortalecimento dos médicos em instituições como a Faculdade e a Sociedade de Medicina. Ao afirmar a cura de pacientes pelo magnetismo animal, desenganados pela medicina tradicional, Leopold Gamard atestava uma certa ineficiência da medicina para determinados casos, sendo conveniente deslegitimar Gamard e condenar o magnetismo animal.

Por fim, compreendemos que os debates e polêmicas suscitados pela prática do magnetismo de Leopold Gamard ajudaram a difundir a teoria de Mesmer pela cidade do Rio de Janeiro, alimentando o *habitus* da sociedade fluminense. As manifestações públicas, os embates e disputas no campo da medicina, os anúncios e testemunhos, as consultas gratuitas para pobres e escravos e os estudos publicados em jornais ajudaram a divulgar a cura pelo fluido magnético. Portanto, estes meios de apropriação ajudaram a sedimentar na mentalidade das pessoas o interesse por novos meios para o tratamento de doenças do magnetismo, à homeopatia, às terapias alternativas e o desenvolvimento de estudos sobre a mente.

### *Referências*

A SCIENCIA: REVISTA SYNTHETICA DOS CONHECIMENTOS HUMANOS (RJ). V. 1, n. 6, dez. 1847 e jan. 1848. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <<https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/123456789/42516>>. Acesso em: 20 maio 2018.

ALMANAK DOS NEGOCIANTES DO IMPERIO DO BRASIL de 1829. Rio de Janeiro: Plancher-Seignot, 1829. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/123456789/48537>. Acesso em: 15 abr 2018.

BASTOS, Cristiana. *Banhos de princesas e de lázaros: termalismo e estratificação social*. Anuário Antropológico, v. 2, 2011. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/aa/1121>>.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1883. 7 v

BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRASIL. Decreto n. 847 de 11 de outubro de 1890. Promulga o Código Penal. Coleção das Leis do Império, Rio de Janeiro, p. 2664-2737, 1890. Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislação/republica/colecao1.htm>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

CÂMARA, Fernando Portela. *Pré-história da psicoterapia brasileira: a chegada do magnetismo animal no Brasil, 1823-1887*. Revista Debates em Psiquiatria, ano 3, n. 3, p. 34-37, Rio de Janeiro, mai/jun 2013.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. *Entre práticas e representações*. Coleção Memória e Sociedade. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 2002.

COUTO, Cristiana Loureiro de Mendonça. *Alimentação no Brasil Imperial*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2016.

CUISSART, Augusto Renato. *Relatório do Sr, Cuissart sobre a Memoria do Sr. Gamard acerca do magnetism animal: lido na Sociedade de Medicina de Rio de Janeiro em 6 de outubro de 1832*. Semanário de Saúde Pública pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, n. 126, p. 441-448, 10 nov. 1832, Rio de Janeiro.

GAZETTE VAN GEND (Bélgica). N. 1171, 29 mar 1823. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=hrZBAAAACAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt&pg=GBS.PP9>>. Acessado em: 30 abr 2018.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 2012.

JACÓ-VILELA, A.M et al. *Os estudos médicos no Brasil no século XIX: contribuições à psicologia*. Memorandum, n. 7, p. 138-150. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/10087>>. Acesso em: 3 abr 2018.

JORNAL CORREIO MERCANTIL, E INSTRUCTIVO, POLÍTICO, UNIVERSAL (RJ). N.106, 21 mar 1861, p. 3. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/18926>> . Acesso em 21 ago. 2018.

JORNAL DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, n.22, 25 out 1823. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/094170/per094170\\_1823\\_1000022.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/094170/per094170_1823_1000022.pdf)>. Acesso em 11 mar. 2018.

JORNAL O DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. N. 2, p. 3, 3 jun. 1836. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/18296](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/18296)> . Acesso em: 13 mar. 2018.

JORNAL O DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, Ano 12, N. 221, p. 4, 4 out. 1843. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/26866](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/26866)>. Acesso em: 13 mar. 2018.

JORNAL DO COMMERCIO, v. 3, n. 153, 13 jul. 1830. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_02/609](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/609)>. Acessado em: 10 mar 2018.

JORNAL DO COMMERCIO, v. 7, n. 158, 17 mar. 1832. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_02/2638](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_02/2638)>. Acessado em: 2 mar 2018.

JORNAL DO COMMERCIO, Ano 19, N. 44, p. 3, 16 de fev 1844a. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_03/5949](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/5949)>. Acesso em: Acesso em: 16 mar. 2018.

JORNAL DO COMMERCIO, Ano 19, N. 174, p. 4, 5 jul. 1844b. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_03/6489](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/6489)>. Acesso em: 16 mar. 2018.

JORNAL DO COMERCIO, Ano 19, n. 230, p. 4, 31 ago. 1844c. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_03/6712](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/6712)> Acesso em 15 mar. 2018.

JORNAL DO COMMÉRCIO, Ano 19, N. 232, p. 4, 2 set. 1844d. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_03/6717](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/6717)>. Acesso em: 15 mar. 2018.

JORNAL DO COMMERCIO, Ano 20, N. 59, 1 mar. 1845a. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_03/7465](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/7465)>. Acesso em: 20 mar. 2018.

JORNAL DO COMMERCIO, Ano 20, N. 251, 15 set. 1845b. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_03/8337](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/8337)>. Acesso em: 21 mar. 2018.

JORNAL DO COMMERCIO, Ano 20, N. 265, 29 set. 1845c. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_03/8391](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/8391)>. Acesso em: 21 mar. 2018.

JORNAL DO COMMERCIO, Ano 20, N. 274, p. 2, 8 out. 1845d. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_03/8428](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_03/8428)>. Acesso em: 21 mar. 2018.

JORNAL DO COMMERCIO (RJ). Ano 37, N. 168, 19 jun 1862, p. 3. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/3851](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/3851)>. Acesso em 21 ago. 2018

JORNAL GAZETA DO RIO DE JANEIRO. N. 77, 25 set 1816. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/749664/4205>>. Acessado em: 15 mar 2018.

JORNAL MARMOTA FLUMINENSE. N. 284, 3 ago de 1852. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/706906/1145>>. Acesso em: 19 abr. 2018

JORNAL O SPECTADOR, n. 51, 27 out 1824a. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/700126/per700126\\_1824\\_00051.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/700126/per700126_1824_00051.pdf)>. Acessado em: 12 abr 2018.

JORNAL O SPECTADOR, n. 61, 22 nov 1824b. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/700126/per700126\\_1824\\_00061.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/700126/per700126_1824_00061.pdf)>. Acessado em: 12 abr 2018.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O tempo de Saquarema*. São Paulo: Hucitec, 2004.

MORAES, Ângela Teixeira. *O discurso da saúde no espiritismo do magnetismo à autocura*. Religare, v.14, n. 1, p. 90-108, ago 2017. Disponível em: <[www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/religare/article/download/3413/18921](http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/religare/article/download/3413/18921)>. Acesso em: 10 nov 2018.

MOURA, Clóvis. *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 2004.

NEUBERN, Maurício da Silva. *Sobre a condenação do magnetismo animal: revisitando a história da psicologia. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, jul/set 2007, n. 23, n. 3, p. 347-356. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722007000300015&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722007000300015&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 10 nov 2018.

O PROPAGADOR DAS SCIENCIAS MÉDICAS, Ano 1, n. 1, Rio de Janeiro: Typographia de Plancher-Seignot, 1827a. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/701262/1>>. Acessado em: 15 mar 2018.

O PROPAGADOR DAS SCIENCIAS MÉDICAS, Ano 1, n. 2, Rio de Janeiro: Typographia de Plancher-Seignot, 1827b. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/701262/394>>. Acessado em: 15 mar 2018.

PIMENTA, Tânia Salgado. *Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28)*. História, Ciência, Saúde-Manguinhos, v. 5, n. 2, Rio de Janeiro, jul/out. 1998. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59701998000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 abr. 2018.

PIMENTEL, Marcelo Gulão; ALBERTO, Klaus Chaves; MOREIRA-ALMEIDA; Alexander. *As investigações dos fenômenos psíquicos/ espirituais no século XIX: sonambulismo e espiritualismo, 1811-1860*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v.23, n.4, p.1113-1131, out/dez. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=0104-590201600040113&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=0104-590201600040113&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 15 abr 2018.

PRIORI, Mary del. *Do outro lado: a história do sobrenatural e do espiritismo*. São Paulo: Planeta, 2014.

SANTOS, Anderson Inácio; CÂNDIDO, Danielle. *Por um conceito de Propaganda e Publicidade: divergências e convergências*. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1973-1.pdf>>. Acesso em: 4 abr 2018.

TABLEAU de la Loge de La Félicité Bienfaisante a L'O de Gand. Gante: A. B. Stéven, 1807. Disponível em: <<https://play.google.com/books>>. Acessado em 29 abr 2018.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *Independência do Brasil na Bahia*. Salvador: EDUFBA, 2005.

UBIRATAN, Machado. *Os intelectuais e o espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis*. Niterói: Lachâtre, 1996.

VERONESE, Michelle Marinho. *De silêncios e resistências: sonâmbulas, magnetizadoras e outras esquecidas do espiritismo brasileiro*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20114> Acessado em 10 maio 2018

VICENTE, Sérgio Augusto. *Sociedades científicas, literárias e de instrução dimensões da prática associativa os homens de letras e ciencia na corte (1860-1882)*. Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Poder). Universidade de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2012/04/Sergio-Augusto-vicente.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2018.

---

<sup>1</sup> A Sociedade de Medicina passou a ser denominada por Academia Imperial de Medicina, conforme decreto de 8 de maio de 1835 e determinava a criação das seções de medicina, cirurgia e farmácia com o objetivo de "responder às perguntas do Governo sobre tudo quanto pode interessar à saúde pública" e ocupar-se de estudos para "o progresso dos diferentes ramos da arte de cura". DICIONÁRIO Histórico-Biográfico das Ciências de Saúde no Brasil (1832-1930): Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz (Online). Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/socmedrj.htm>> Acesso em: 19 set 2018.

<sup>2</sup> Optamos por respeitar a ortografia original de citações obtidas das fontes.

<sup>3</sup> Gand (em francês), também conhecida por Gante ou Ghent, cidade portuária, era um dos centros urbanos mais importantes da Europa até o século XVI, retomando sua importância econômica no Oitocentos.

<sup>4</sup> Segundo a mitologia grega, as sibilas eram certas mulheres com poderes de conhecimento do futuro e da profecia e o nome "Sibila" refere-se à profetiza da cidade grega Delfos. DICCIONÁRIO Universal de Mitologia o de Fabula. Tomo II, Barcelona: Imp. de José Tauló, 1838, p. 613.

<sup>5</sup> Segundo Laurence Hallewell, de uma única tipografia oficial existente no Rio de Janeiro, a Imprensa Régia, em 1808, com o fim da restrição da atividade de impressão, o número de tipografias chegaria a 12 em 1842 (HALLEWELL, 2012, p. 837).

<sup>6</sup> A doutrina espírita kardecista refere-se à doutrina difundida pelo educador francês Allan Kardeck, pseudônimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail. Interessado no fenômeno das conversas com espíritos nas mesas girantes, empreendeu uma série de estudos que o levaram a se interessar pelo magnetismo e fenômenos sobrenaturais. Como resultado, Kardeck percebeu a "possibilidade de uma nova lei sobre a condição da alma após a morte e sua imortalidade", conduzindo para a formação da doutrina espírita. (PRIORI, 2014, p. 44).